



O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm. e propriet. — José da Silva Vieira. — Editor: José da Silva Vieira Junior. — Comp. e impressão: Typ. Espozendense — Espozende

Pagamento adiantado. Reducção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

Violetas Dispersas

A morte ao desahrochar da vida

Acabo de ler o interessante livrinho de versos «*Violetas Dispersas*» da autoria da malograda poetisa Maria da Silva Vieira que a garra adunca da morte arrebatou impiedosamente em plena juventude! — 17 anos! — o arrebol escarlata da manhã da vida como diria Camilo.

«*Violetas Dispersas*» é um bouquet de saudades ternas, sentidas, e inspiradas por uma alma que soube amar e compreender, que soube sentir e chorar o quanto de belo e triste a vida encerra!

Maria da Silva Vieira quiz renunciar á vida precisamente no momento em que muito havia a esperar da sua intuição poética.

Uma dôr indefinida a enlaçou e lhe acompanhou os passos com a mesma persistencia de uma sombra! Como Antero e outros, resolveu terminantemente talvez sob a influencia dum absurdo pessimismo abandonar a luta inglória da vida e partir em ultima jornada para as regiões incógnitas do Além!

Foi Olavo Bilac creio eu, quem disse que «quando um poeta morre, uma estrela aparece». Aparece mais um nome na constelação brilhante dos poetas! A dôr é o crisól onde a alma se purifica para subir até Deus!

Maria da Silva Vieira, foi victima duma enorme dôr que inopinadamente a cingiu e que fez com que o seu coração cessasse de pulsar, adormecendo-o para sempre!

Nos tercetos do seu soneto **A Ti**, ela confessa o seu sofrimento:

«Eu soffro ainda... Sofro! Que loucura!
Esquecer-te? Só quando á sepultura
Me levarem fechada num caixão.

Mata-me, meu amor, mata-me embora,
Que a morte me será consoladora!
Mas não me negues o teu coração!»

A saudosa autora das «*Violetas Dispersas*», era dotada du-

SONATA

(ORIGINAL)

Já o dia se escondeu
Da noite, no negro manto;—
E o luar sacrossanto
Ainda não apareceu.

Ouço cantar a cigarra...
Do pinhal a escuridão—
Mais ao longe um violão
Acompanha uma guitarra.

Alguém caminha a tocar.
Mas os seus tristes harpejos,
Parecem rumores de beijos
N'um continuo soluçar.

Ao fim da rua cessou
Dos seus passos o rumor...
A cantar o trovador;
Silêncio. Já começou.

—«Desperta minha querida
Dêsse teu sono profundo;
Só te tenho a ti no mundo,
Oh! guia da minha vida!

¿ Meu pai, minha mãe morreram,
A irmãos nunca conheci;
Mas a quem hei-de amar?!
No mundo, tenho-te a ti.

Eu gosto ouvir o fado,
De ouvir o seu soluçar;
Na guitarra dedilhado
E' triste, faz-nos chorar.

Lágrimas, caí devagar;
Não vá ouvir-vos alguém.
Eu não quero que ninguém
Se ria do meu chorar.

Finda a noite, surge o dia,
Vai-se embora o trovador
Chorando triste o amor,
Que tão ditoso o fazia.

Guitarra, quando eu morrer
E a terra me cobrir!...
Mais uma vez quero ouvir
O teu dolente gemer.

ma sentimentalidade invulgar. Sofreu demais. Começou a sofrer na florescencia dos 17 anos!

O sofrimento é o *siné qua non* do ser, quanto mais culto, mais sofre!

Dos seus olhos rolaram certamente, como pétalas de orvalho, as lagrimas do sofrimento, e senão ouçámo-la:

«Eu só lagrimas tenho! Quero viver!
Nem para leitivo uma só esperança.
Nem p'ra enxugá-las tenho um só prazer.

Tão nova ainda... Ainda uma criança.
Tenho a coroa da espinhos do sofrer
E o coração a palpar se cança!

Versos gemeos dos versos de Flor'bela Espanca a poetiza do sofrimento e da desgraça!

Maria da Silva Vieira conhecia perfeitamente que a poesia é a expressão verbal do pensamento em sons ritmicos. Pelos seus versos passam as imagens fulgurantes da dôr e da desventura!

Domigos Gomes o critico analitico das «*Violetas Dispersas*» diz bem no seu livro «*Sobre uma Campa*»:

«*Violetas Dispersas*» é um livro que se não pode ler a galope. O seu enredo, os seus versos, as suas palavras, tudo tem um significado especial e uma técnica particular que, é necessario observar com segurança».

Perfeitamente de acordo com Domingos Gomes. «*Violetas*» não pode ser lido à vol d'oiseau.

E' um punhado de incomprehendidas queixas dum coração a quem precocemente a dôr apunhalou!

«*Violetas*» perdurará através dos tempos como relicário sagrado a lembrar aquela que renegou a Vida para se esconder na escuridão da Morte!

Jámais o vento-norte fará dispersar as pétalas dessas róxas «violetas» irmãs gemeas das chagas de Jesus!

O autor destas linhas comungará na eterna dôr que abraçou o dig.mo director do «*Espozendense*» José da Silva Vieira, pai amantissimo da novel poetiza.

Porto, 27-5-939.

Porfrio de Souza Martins.

A PASTORA DE DOMRÉMY

[Continuado do n.º 1.575]

Joana d'Arc foi uma vítima ingénua sacrificada ao maldito rancor e enfumada soberba do envaidecido povo inglês, que odéava mortalmente a jovem donzela, por causa de ser uma gigantesca barreira oposta á vitória das armas inglesas.

Os ingleses consagravam um terrível ódio a esta heroína, o opórbrio do exército inglês, que se opunha tenazmente—coisa fora do vulgar!—aos planos traçados.

A pastora de Domrémy foi uma donzela repleta das mais santas e belas virtudes cristas. No decorrer deste pequeno estudo observamos muitas dessas virtudes, algumas das quais vamos ver mais pormenorizadamente, para vermos o colossal edificio da *santidade* e da *virtude* erguido pela virgem de Domrémy num mínimo espaço de tempo.

A esplendorosa coroa, que cinge a delicada fronte desta jovem, é tecida das eminentes virtudes por ela praticadas.

São muitas e em grau elevado. Formam um volumoso livro, onde a juventude do século presente pode haurir brilhantes ensinamentos para a vida inteira. A mocidade necessita de armazenar uma abundante colheita de boas doutrinas, que a guiarão na senda do futuro e a encaminharão pela vereda, que corre para a *Luz* e para a *Verdade* do reino de Deus. Joana d'Arc possui muito que imitar, e por isso é que vamos estudar pormenorizadamente algumas das suas virtudes indispensáveis á juventude de hoje: mulheres e homens do futuro.

A Caridade foi uma das virtudes, que mais se salientou no decurso da vida da nossa heroína. Germinou e fezeceu com ela. Seguiu á risca os conselhos evangélicos a êste respeito, e praticava actos análogos aos que os evangelistas relatam nas doirdas laudas do Evangelho.

O tempo, em que se mostrava mais caritativa, era durante as lutas. Quando no meio das lidas acesas passava pelos corpos dos mortos ou feridos, que junçavam o campo de batalha, evitava sempre calcá-los com as patas do cavalo branco em que montava. Coisa extraordinária.

Logo que findava o combate, fazia-se acompanhar de alguns soldados, enfermeiros, sacerdotes, etc., e palmilhava o terreno duma ponta á outra a fim de sepultar os mortos, administrar curativos aos feridos,

Jámais eu deixarei de crer em ti!...

a alg' em que lançou no olvido nm amor sincero e ardente.

Eu creio em ti, e crendo em ti eu creio em Deus!
Creio no teu amor immaculado e santo.
Eu creio sim, na luz dos lindos olhoa teus
Que são a minha vida e todo o meu encanto!

Creio no teu desdem, e chego a ficar crente,
Que há-de pedir perdão do mal que me tens feito!
E sabes porque eu creio assim, perdidamente?
E' porque tens ainda um coração no peito!

Creio que Deus existe em tudo quanto vejo!
E que há-de terminar num prolaugado beijo
Este infeliz viver, amargo e solitário!

Creio no teu olhar, tão meigo e tão sereno
Que lembra o doce olhar da mãe do Nazareno
Chorando aos pés da Cruz no tópo do Calvário!

Do livro em preparação «PROVAS E SAUDADES»

Porto, 14-5-939

Porfírio de Sousa Martins.

confortá-los com salutareos conselhos, ajudar a morrer uns, e mandar conferir os santos sacramentos a outros.

E' por meio destas acções, que classificaremos de boas e humanas, que o amor ao próximo se manifesta.

Não foi só durante a *guerra dos cem anos*, que a sagrada labareda do fogo da Caridade tão recomendada pelo Venerável Padre Libermann e pelo Pobrezinho de Assiz e por todos os santos se manifestou, mas também antes.

Quando ainda era criança comprazia-se em consolar os tristes e conversar com os pobres. Quando calhava um pobre ir a sua casa pedir a esmola, e sua mãe lhe respondia que não podia ser, ela, se ouvisse isto, abandonava o trabalho, e corria apressadamente, para se lançar no regaço de sua querida mãe, e pedir-lhe um naco de boroa, para aquele pobre de Cristo, que rogara uma esmola, e lhe fôra recusada. Conseguia sempre o desejado. Logo que ouvia o «*sim*» da mãe corria ao forno lançava mão dum bom pedaço de pão e dava uma corrida, pulando de alegria, para o levar ao pobre. Esta, logo que se abeirava dêle, entregava-lho com um sorriso a bailar nos delicados e macios lábios. Em seguida conversava durante algum tempo com êle. O amor caritativo desta criança manifestava-se.

A virgem de Domrémy foi sempre um protótipo acabado

da Caridade isto é, daquêle fogo sagrado, que Jesus Cristo veio trazer ao mundo, para o inflamar com esse mesmo amor. A pastora de Vermont não cultivou somente a virtude do amor ao próximo, mas no seu florido jardim germinaram muitas outras como seja a da docilidade.

A docilidade é muito apreciada por tôdas as pessoas de qualquer classe ou idade. As pessoas docéis são queridas de todos, e as indóceis abominadas por todos.

A nossa donzela também possuía esta virtude natural, que a tornava amavel a todos. Nunca proferiu uma palavra amarga a ninguem. Mostrava-se lhana para com tôdas as pessoas, mesmo para aquêlas que a caluniavam e maltratavam. Não albergava em si rancor ao próximo, mas amava a todos, e sorria para toda a gente.

Joana d'Arc foi apelidada e com muita razão, o «*anjo da docilidade*». Muitas vezes, quando caminhava pela rua, acontecia encontrar crianças a chorar. Abeirava-se delas, interrogava-as, abraçava-as, beijava-as, afagava-as, fazia mil uma coisas a fim de a consolar. Quem lhe ordenava a proceder desta maneira? A virtude natural chamada «*docilidade*».

A donzela de Domrémy distinguuiu-se também por uma Humildade exemplar. Obedecia alegremente a todos os superiores, como sendo os representantes da autoridade divina. Fazia

tudo que lhe fôsse mandado sem primeiramente perguntar, porque motivo a mandavam fazer uma tal coisa.

Em casa era muito obediente a seus queridos pais, fazia tudo que lhe ordenavam, o mesmo acontecia com as outras pessoas.

Joana d'Arc considerava-se o bicho mais miserável de quantos existem. Repetia estas palavras muitas vezes: «*sou um pouco de cinza, que existe por um raio da misericórdia divina*».

Todos os santos pensavam duma maneira idêntica a respeito da própria pessoa. A humilhação é uma virtude, que todos abraçaram.

Muitos santos, ou quasi todos, se algum há que faça excepção, humilharam-se até se confundir com a terra e com o bicho mais repugnante, tudo por amor de Deus. O Padre Libermann exclamava muitas vezes, «*Deus é tudo, o homem não é nada*», S. Francisco proferia: «*o meu corpo é um burrinho de carga*». A frase da pastora de Domrémy supra citada não fica atrás da dos mais santos.

A jovem pastorinha do monte de Vermont mais tarde, quando assumiu o comando dum grosso exército, para tirar dos ombros de França o pesadíssimo fardo, que os invasores tinham imposto, não deslustrou em nada o brilho ofuscante da soberba pérola da humildade, tão recomendada por Jesus Cristo, que nos deu um edificante exemplo dela com a sua silenciosa vida de Nazaré. Entre os soldados a salvadora de Orleans considerava-se o mais baixo de todos. A pastora de Domrémy foi sempre uma criatura muito humilde.

(Continúa)

M. M. LIMA.

Curiosidade

Em quasi tôdas as cidades do Mundo há horas certas para se iluminarem as ruas, e também estão determinadas as horas para se apagarem as luzes.

Porém, esta inovação talvez os leitores desconheçam, foi inaugurada numa cidade da Nova América um novo sistema de iluminação.

O municipio adotou o chamado «*ólho fotoeléctrico*», que é um aparelho tão sencivel á luz, que apaga e acende as luzes consoante a obscuridade ou a claridade.

Assim, em dias de rigoroso inverno ou quando alguma nuvem mais escura ensombra os céus, o *ólho fotoeléctrico* acende as luzes da cidade.

Que felizes os seus habitantes!!

Grandiosa Festa Eucarística

Na proxima segunda-feira, 5, 6, 7 e 8 do corrente terá lugar nesta vila a festa comemorativa do quarto centenário da fundação da primeira Confraria do SS. S., em Roma, em 30 de Novembro de 1539, cujo programa é como segue:

Dia 5—Ao fim da tarde principiará, na Igreja Matriz desta vila, o «Tríduo Eucarístico», preparatório para a grande solemnidade. Será orador o Rev.º Dr. Moreira Neto, da cidade do Porto.

Dia 7—De manhã haverá sacerdotes suficientes para atender a todos que desejarem alcançar o grande jubileu.

Dia 8—A's 6,30 horas, Comunhão Geral. A's 8 horas Comunhão das crianças e dos que pertencem ás Obras Eucarísticas.

A's 11 horas, Missa Soléne com sermão.

A's 14 horas, Sessão Soléne dedicada ás Confrarias do SS. S. de todo o Arciprestado, para o que foram tôdas convidadas.

A's 16 horas: grandiosa procissão Eucarística em que tomarão parte as mesmas confrarias com os seus mesários, os diferentes ramos da Acção Católica e Cruzadas Eucarísticas.

Se o tempo o permitir, serão dadas três benções: a primeira, na Ribeira; a segunda, no Adro da Senhora da Saúde; e a terceira na Matriz.

Costumes da China

Na China e Tartaria não ha repugnancia em cada um se servir do vestuario dos outros. Quem tem de fazer uma visita de cerimonia, ou de assistir a qualquer festa, vae sem constrangimento a casa do visinho pedir emprestado um chapéu, umas calças, uns sapatos, etc. Na compra de fato ou calçado, é indifferente se adquire novo ou velho, conforme as posses do comprador. Vestir ou calçar o que já serviu a outros, é o mesmo que habitar uma casa que já teve outros inquilinos.

Contra a raiva

Foi publicado um decreto tornando obrigatória a vacinação de cães.

Os transgressores serão punidos com multa de 30000 a 100000 participando os agentes que levantarem os autos em 25.º do valor das multas. Depois de publicados editais para esse fim, os donos dos cães são obrigados a apresentá-los nos dias, horas e lugares que forem designados pelas autoridades veterinarias.

A maior Avenida do mundo

A estrada mais comprida do Mundo fica, como é natural, nos Estados Unidos. Tem o seu ponto de partida em Nova York, no ângulo da rua 42 e da 5.ª avenida. Encontra-se aí um poste indicador com os seguintes dizeres: «Estrada Lincoln-S. Francisco—3.384 milhas».

Essa estrada, que atinge, pois, 4.955 quilómetros atravessa doze Estados, não tem menos de vinte metros de largura em toda a sua extensão.

NOTÍCIAS DE FÃO

31 de Maio

Partiu para a cidade do Rio de Janeiro—Brazil—a snr.a D. Ana Gageiro Cardoso Salgado, que vae para a companhia de seu marido, o nosso amigo, dos tempos de escola, Manuel Ribeiro de Souza.

Faz-se acompanhar de seu filhinho, o risonho e folgasão «Manel» que, a todos que com êle conviviam, deixa profundas saudades.

E assim lá foi êle, coitadinho, como uma avezinha saltitante, na perplexidade do mundo, sem saber atingir para onde ia. A inocencia assim o permite.

Oxalá que nas terras de Santa Cruz, onde vai fazer-se homem, êle seja um bom cidadão no meioda sociedade, e assim, saberá honrar o nome da terra que lhe serviu de berço que é o nosso querido altearinho Fão!...

—Tambem partiram, no mesmo dia, com destino á mesma cidade, a snr.a D. Rosa Cardoso Monteiro e sua filha, bem como o nosso amigo de infancia, Augusto Teixeira Palmeira. E' mais um que se vai juntar a muito outros que, naquela cidade, angariam os meios de subsistencia para si e para os seus, e assim, vai ficando, o nosso Fão, desprovido de homens.

A todos lhes desejamos um futuro prospero, e aos que nos acabam de deixar, uma boa e feliz viagem.

—No próximo domingo desloca-se a esta localidade, em auto-carros, o Club de Desporto Feminino, da cidade do Porto, onde no lugar aprasivel e pitoresco da Senhora da Bonança, realizará um «pic-nic», comemorando, assim, naquele recinto, o seu terceiro aniversario. Em seguida visitará a nossa linda e encantadora praia, onde, a secção de natação do Club, em referencia, fará varias demonstrações.

Um grupo de Fão, querendo manifestar a sua simpatia pela visita que nos faz aquele importante Club da capital do norte, realizará, tambem, no mesmo recinto, um «pic-nic», constando da celebre «Feijoada» à Brasileira», confraternizando, desta forma, no terceiro aniversario do aludido Club.

—Tivemos o prazer de cumprimentar em Fão, os snr.s Dr. Martinho de Faria, distincto advogado em Barcelos, e seu cunhado Manuel Pereira da Quinta, industrial naquela cidade, que se fazia acompanhar de suas ex.ªs senhoras.

—Esteve nesta freguesia; o snr. Dr. Aires Duarte, distincto clinico na mesma cidade de Barcelos.

—Tem sido extraordinaria a procura de casas para o periodo de banhos; por aqui se vê que o movimento deste ano, na nossa praia, vai ser muito maior do que o dos anos transatos.

Avisamos, os snr.s banhistas que frequentam a nossa praia ha anos, que se não deixem para a ultima da hora, de alugar casa que pretenderem, pois, arriscam-se, a não arranjarem. C.

PELO TRIBUNAL

Distribuição de 1-6-939.

A' 3.ª secção, de que é chefe o snr. Fonseca, foi distribuida uma acção sumaria, que é autora—Loureiro, Marques & Companhia, L.da, desta vila, move contra a ré-Sociedade Comercial Valente Costa e Costa e Companhia, L.da de Vila Nova de Gaia.

Valor 2,100000.

Representa a autora: o Dr. Antonio Abreu, desta vila.

—A' 1.ª secção de que é c. o snr. Reto, foi distribuida uma acção summarissima, que José Martins Frade Vieira, do Castelo do Neiva, move contra Domingos Afonso Sampaio e Irmão, de Antas.

Valor 1.500000.

Para ser apensa a um processo que se encontra na 2.ª Secção de que é chefe o snr. Lima, foi distribuida uma acção ordinaria, em que é autor—Francisco da Costa Carvalho, de Barcelinhos; e Reus—Estado, Fazenda Nacional e Comissão dos bens Culturais deste concelho.

Representa o autor: o snr. Dr. Sá Carneiro, de Barcelós.

—A esta secção, foi distribuida v. da 4.ª vara da comarca do Porto, para penhora nos bens do executado D. Antonio Tomaz Azevedo Bourbon, do Porto.

Valor 10.000000.

ESPOZENSE HA CINCOENTA ANOS

NOTAS A LAPIS

Continuação do n.º 1.602

AS DANÇAS

Em Agosto, quando as uvas já começavam de pintar, houve na quinta de Tarroso um jantar campestre, seguido dum baile nos salões da residencia e «fogueira» no terreira. Em meza com perto de vinte metros de extensão, sob cõpda litada onde entre a folhagem verdeonga os cachos começavam de escurecer, foi servido o repasto. Ao assado, o Terra pediu ao «garçon» lhe servisse «macatós»; este sem compreender o pedido, ficou com o trinchante no ar, aguardando melhor explicação.

—O homem de Deus! Macatós são as «batas» do peru...

Aos convidados para esta festa, se pedira—ás menina e senhoras, fossem vestidas á lavradeira; aos homens, de lavradôres e marinheiros endomingados.

Entre as fotografias então tiradas, soprando com todos os bófes, arranhando com todas as unhas e puchando a todo o comprimento de braços, nos instrumentos da banda de musica, talvez para a musica sair ao vivo aparecem: Delfino Miranda, Ernesto Emilio, Valentin Fonseca (pae) e eu—nos trombones e trompas; Adelino e A naldo de Azevedo—cornetins; Isaac Garcia—requinta; Fernando Evangelista—bombo; Xavier Viana e Antonio Miranda—guitarras, o Dr. Queiroz Veloso—violão; e o Dr. Manoel Vilas Boas, de varapau á varredor de feiras, a reger de longe, para não lhe arrebetarem os auditivos, esses tão furiosos artistas dos sons infernaes...

De lavradeiras, se retrataram: D. Amelia Pascoal Fonseca, D. Maria Rita de Queiroz Vilas-boas e outras danias; as meninas—Arminda Pascoal, Laura e Maria Luiza Miranda, Etelevina Botelho, Maria de Azevedo, Firmiana Fogaça, Mercês, Amelia, Cecilia e Thereza Viana e muitas outras.

Quando lá em cima, ao som ora da orquèstra, ora do piano, a elite espozendense rasgava mazurcas, polcas, valsas, quadrilhas, sir-rouges, solénes, pomposas, protocolares; cá em baixo, ao som da banda ou dos cavaquinhos e harmonicas, o povo rural em verdadeira romaria de iluminação e fogo, saracoteava em louças rodadas, o Vira da Maia e o Regadinho.

Eu e Souza Ribeiro, tendo debruçadas nas meninas dos olhos e cantando aos ouvidos as «fogueiras» da Alta, do Vapôr, de Santa Clara, as cògarrógas e as serenatas coimbrás, tomamos da guitarra e viola, saltamos de tres e tres os degraus da escada; e eis-nos no alegre terreiro, a roubar pares, esfolando e lascando dedos e unhas, metendo hombros e pés num sapatinho repetio-trás, trás, num indo por aqui abaixo sózinho sem mais ninguém; ou em requêbros dum fadinho de ternuras e ais, á moda da mouraria, cultuando Vimiozo e a Severa, o Hilário, todo esse regionalismo estelizado pelas «sacas de carvão e vacons»...

Outros que nos espiavam lá do alto da grande varanda, invejosos, e sentindo o sangue na guelra, correram a disputar-nos os pares apeteceveis, no aconchego sensual dos abracinhos deixando as suas elãs a mordicar de raiva os lencitos de rendas e bordados, num marejar de lacrimetas de incontido ciúme. Mamãs cóleres, papás com acomodaticia austeridade, desceram á «fogueira» a chamar os filhos, a apontar-lhes a troca indelicada, feita nas barbas de tão selêta reunião, substituindo as futuras matrônas pelos pòs rapados das labrêgas! Mas o vinho nas bojudas infusas vidradas, respeitaveis canecas, espumava segredeiro; pulava nas malgas, arroxava os copos, esquentava o sangue e iluminava os olhos. Ia chamejar nas cantigas, estalar nas palminhas, regougar nas harmonicas, rechinar nos cavaquinhos e banzas, choramingar nas guitarras e nas palavrinhas dulçorosas. E acendia no botar ao desafio, no tremelicar nos abraços dos figurados, no empernar das voltas e valseados. Era a alegria moça e sã, na sexualidade ancestral da raça, embalsamada pela relva e rosmaninhos pizados pelos dançadores e cantada pelo orfeão noturno da natureza, sob a iluminação sidêria, onde seguia o balão prateado da lua.

Depois ao pestanejar das deradeiras estrelas, após o findar a retirada, os rapazes de lingua grossa, olho terno e pernas bambas, caíam na grande sala; estendiam-se sobre a fôfa montanha de palha triga da ultima ceifa, os braços pintados pelos beliscões das namoradas, ao despedirem-se vingativas, cimentas, de nas suas bochèchas aveludadas — serem trocadas por aldeãs analfabêtas e sem posições da moda franceza...

De quando em vez um se levantava, pizava a mêdo, tateava na semi escuridão, para ir lá fó-

ra; a vinhaça era diurética, e a misturava dos solidos indigesta e drástica. Nisto um grito acordou os mais ferrados na sonêca; uns olhos mal seguros, uns pòs nada perfumados, confundiram a carêca abastada do Dr. Queiroz Veloso com a palha do chão e quasi lhe esmagam a arca das ideias...

(Continua)

LUÍS VIANA.

BIBLIOGRAFIA

Vida de Cristo, segundo os Evangelhos e as revelações de Catarina Emmerich.

Encontra-se em distribuição o fasc. III (4.º volume) desta ilucidativa publicação (Rua do Loreto, 34, sobreloja—Lisboa).

O presente fascículo é, por varios titulos, um dos mais instructivos do volume em publicação. Nêle, a seguir ás prêgações na ilha de Chipre, dá-nos Jesus, sobre as parábolas do filho pródigo, dracma perdida, virgens prudentes e virgens loucas, os mais altos ensinamentos relativos a perseverança e regresso, pelo arrependimento á casa paterna, ou seja ao seio amorável de Deus, sempre pronto a receber o pecador contrito.

E' esta uma obra, tanto pelo texto como pelas ilustrações que lhe dão particular relevo, digna da figurar em tódos os lares cristãos.

Agradecemos o exemplar oferecido.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS:

—Já foi distribuido mais um fascículo, o 26, da importante *Enciclopedia-Pedagógica Progredior* que a popular Livraria Escolar Progredior, lançou á publicidade.

O fascículo agora publicado alcança de paginas 1021 a 1248, letra **Ara**, a **Vri**, constando cada fascículo de 3 folhas de 48 paginas ao custo de 5 escudos.

E' uma publicação de grande utilidade para os professores primarios portugueses a qual não devem deixar de assinar.

Está breve a conclusão do 1.º volume desta obra.

Pedidos á Livraria Escolar Progredior, 158, Rua Passos Manuel, 162—Porto.

—Os numeros 68 e 69, da *Revista do Departamento Nacional do Café*, publicação que vê a luz da publicidade no Rio de Janeiro. Está no 7.º ano de publicação.

—O n.º 144, ano XIV, da *Revista do Instituto do Café*, do Estado de S. Paulo, pertencente ao mês de Fevereiro deste ano.

Agradecemos.

—O n.º 64 e 65 da brilhante revista de cultura e propaganda, de arte e literatura colônial, *O Mundo Português*, que mensalmente se vem publicando em Lisboa, sob a distinta direcção do Ex.º Sr. Dr. Augusto Cunha, edição da Agencia Geral das Colonias e do Secretariado da Propaganda Nacional.

Como todos os numeros anteriores, muito interessantes na sua colaboração.

A Redacção é na Praça do Rio de Janeiro, n.º 13, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

—O n.º 68, do *Portucal*, revista ilustrada de cultura literaria, scientifica e artistica, que se publica na cidade do Porto.

Este numero é o de Março e Abril do corrente ano.

A materia é variadissima nias toda de muito valor.

—O fascículo 85 da preciosa obra—*Terras Portuguezas*—arquivo histórico-Corografico, original do nosso velho amigo e ilustre colaborador sr. João Baptista de Lima, da Povoá de Varzim, o qual já alcança a letra **Q** (Quiayos), e de pag. 129 a 160.

—O numero 6, da interessante publicação mensal portuense—*Raio de Sol*, que conta já XV anos de publicação. O numero recebido é de Junho, corrente.

—Temos presente o n.º 303, ano IX, do *Jornal «O Contribuinte»*, semanario defensor e guia seguro do contribuinte, que se publica nos dias 5, 15 e 25 de cada mês na cidade de Lisboa, debaixo da direcção competentissima do sr. Jayme Ribeiro, redactor principal.

O seu custo é modico, 36 escudos cada ano.

Assina-se na rua da Palma, 116, 2.º—Lisboa.

—O n.º 4 do mez de Abril do *Boletim M. das Missões Franciscanas e da Ordem Terceira*, cuja publicação se faz em Braga, debaixo da conspiciua direcção do Rev. P.º Luiz de Souza.

O custo da assinatura é de 10 escudos por ano, para Portugal.

—O n.º 5, 1.º ano, da *Agricultura*, mensario de propaganda agricola no norte, cuja distribuição é gratuita.

—Temos presente o n.º 4, 1.º ano da *Juventude*, publicação mensal lisbonense que se publica em Lisboa.

—Os n.os 96 da *Humanidade*, semanario de grande publicidade da capital.

—O n.º 16, pertencente ao 4.º volume do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, revista trimestral, que com este numero agora pu-

blicado completa o 4.º ano, tantos são já os publicados.

Contém este volume 320 paginas com um indice alfabetico das materias contidas.

E uma publicação que honra o país e as letras portuguezas. A sua assinatura é de 20 escudos por ano, ou 6 escudos por cada numero avulso.

Publica-se em Aveiro em numeros de 64 paginas.

—Está publicado o n.º 21, ano VII, da *Alma Luza*, publicação portuense, cuja distribuição se faz gratuitamente.

Traz colaboração da maior parte das terras do paiz sobre regionalismo.

—O n.º 548, 6.º ano, do *Boletim de Informações*, publicação interessante e de precisão.

—O n.º 4 do volume 48 da *Revista de Guimarães*, orgão da Sociedade Martins Sarmiento, pertencente a Out. e Dezembro, do ano findo.

—Temos presente o n.º 22, 6.º ano, da *Revista de Contabilidade e Comercio*, que muito regularmente se vem publicando no Porto, trimensalmente.

Redacção: rua da Formiga, n.º 40-A—Porto.

—O n.º 22 e 23 do *Boletim da Sociedade Luso Africana do Rio de Janeiro*, quinta serie, respeitante ao mês de Julho a Janeiro, do ano findo de 1938, com séde na Praça Tiradentes, 60, 2.º andar, Rio de Janeiro.

«O Espozendense»

Está-se procedendo á cobrança da assinatura deste jornal referente ao 1.º semestre de 1938-1939, para o qual esperamos o bom acolhimento dos nossos assinantes.

Se O ESPOZENDENSE vos agrada, assina-o imediatamente e publicai nele os vossos anuncios.

Mudou para Barcelos

Avelino Goncalves da Silva, participa aos seus fregueses e amigos que mudou o seu estabelecimento de Ourivesaria e residencia para a cidade de Barcelos, onde se encontra para atender todos os seus clientes.

